

## FORMAÇÃO ÉTICA E MORAL EM UMA SOCIEDADE QUE A NEGA: DESAFIO DA ESCOLA MODERNA.

Suélen Cristiane MARCOS.<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo é resultado de uma pesquisa eminentemente teórica que surgiu da necessidade de se discutir a importância primordial da escola em investir e ser capaz de oferecer eficazmente a formação ética e moral na sociedade atual em constantes e rápidas mudanças, ao mesmo tempo, pensar a profissionalização docente e as condições de trabalho desses profissionais. Buscou-se responder a seguinte pergunta: Teria essa categoria condições de cumprir com essa grande responsabilidade de formar os indivíduos éticos e morais numa sociedade que a nega? Para alcançar nossos objetivos nos baseamos nos estudos de CHARLOT (2007); DI GORGI (2004); LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI (2008); SACRISTÁN (2006); SARTI (2003); TEDESCO (2008) E TOURAINE (1997). A conclusão a que se chegou é de que os professores para formarem indivíduos corretos do ponto de vista da moral e da ética, sendo capazes de atuarem na sociedade pensando no bem estar comum, devem ser eles mesmos bem formados nesse sentido. Verificou-se a importância da educação básica para alcançar tal objetivo, se a mesma falhar a formação acadêmica tentará suprir essa carência em vão.

**Palavras-chave:** Formação Ética e Moral. Escola. Educação. Professores. Globalização.

### 1 INTRODUÇÃO

A globalização tem trazido inúmeras mudanças em várias áreas para a organização e funcionamento da nossa sociedade, na política, na economia, na cultura, na mídia, nos valores morais e sociais e sem dúvida na educação.

Esse fenômeno pode ser entendido como uma nova forma de se ver o mundo.

As fronteiras geográficas que separavam os países aos poucos vão se tornando mais frágeis, a facilidade de comunicação existente entre as pessoas do

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologias "UNESP" de Presidente Prudente. e-mail: ssucris@hotmail.com. Bolsista CAPES.

mundo todo, a cultura que tem sido cada vez mais unificada, as pessoas usam as mesmas roupas, gostam dos mesmos artistas, se preocupam com as mesmas coisas. Os Estados Unidos que exerce cada vez mais seu poder econômico e político para comandar as economias de outros países, tudo isso parece contribuir para a formação de uma única nação o que beneficiaria a todos. É preciso, no entanto se atentar para o fato de que por trás dessa aparente homogeneização trazida pela globalização está escondida o seu lado perverso o aumento significativo das desigualdades sociais e da exclusão.

Como a globalização se sustenta por meio do capitalismo, as leis do mercado é que passaram a dirigir a sociedade que em decorrência se torna cada vez mais competitiva e excludente.

Dentro dessas referidas leis, a educação deixa de ser vista como essencial para a formação humana em sua plenitude e basta a ser pensada unicamente para atender aos interesses do mercado, preparar e selecionar os melhores para preencher as vagas disponíveis pela empresas, ou seja, a escola tem que formar alguns cidadãos capazes de produzir e gerar lucro, mas e o que fazer com os demais?

E inegável que frente aos avanços acelerado na área de ciências e em tecnologia a escola deve mesmo oferecer uma formação adequada para que seus alunos possam ter condições de participar desse processo, o que ela não pode é contribuir para o aumento da exclusão social por meio da seleção dos melhores e total desprezo pelos outros, o desafio da educação na contemporaneidade é oferecer uma educação de qualidade para todos, a escola não pode se tornar uma ferramenta econômica, os alunos devem ser visto como sujeitos participantes da sua construção e de direitos a uma educação cada vez melhor.

“A escola não é uma empresa. O aluno não é cliente da escola, mas parte dela. É sujeito que aprende, que constrói seu saber, que direciona seu projeto de vida. Além disso a escola implica formação voltada para a cidadania, para a formação de valores – valorização da vida humana em todas as dimensões. Isso significa que a instituição escolar não produz mercadorias, não pode pautar-se pelo “zero defeito”, ou seja, pela perfeição. Ela lida com pessoas, valores tradições, crenças, opções. Não se pode pensar em “falha zero”, objetivo da qualidade total nas empresas. Escola não é fábrica mas formação humana. Ela não pode ignorar o contexto político e econômico; no entanto não pode estar subordinada ao modelo econômico e a serviço dele.”(LIBANEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2008. p.117.)

Entende-se que a escola deve ser um meio para se lutar contra as desigualdades e a exclusão social, para isso deve ser repensada.

## **2-1 A IMPORTÂNCIA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS ÉTICOS E MORAIS.**

Para iniciar essa discussão usarei o pensamento de Di Giorgi (2004), segundo ele, a escola assim como a família se tornou instituições cascas, continuamos falando sobre elas como se as mesmas não tivessem mudado, porém isso não é verdade.

Para esse autor elas não só mudaram como não conseguem mais dar conta de desempenhar as suas funções, o que é muito grave, pois mais do que em qualquer outra época histórica, é necessário à atuação dessas instituições parceiras para a construção de uma sociedade democrática e solidária por meio da educação.

A educação transforma se não há transformação, não ocorreu uma prática educativa, evidentemente a transformação nem sempre é positiva, vai depender dos objetivos que a impulsionaram. Hoje parece que os educadores tem certo receio de educar porque temem na verdade a mudança. Qual seria a finalidade da educação nos dias atuais? Responder a essa pergunta não é tarefa fácil, implica uma série de fatores o que a torna muito complexa, penso que enquanto procuramos a resposta não podemos temer a transformação, pois só a educação é capaz de combater a competitividade e a eliminação do outro, por meio da formação moral e ética, que a globalização tanto nega.

“A globalização perversa, diz respeito á pobreza material e moral (desvalorização da ética e da compaixão, culto desenfreado ao consumo e á competitividade) que tem caracterizado efetivamente o último quarto do século XX” (DI GIORGI, 2004. p.38.).

Essa crise da ética e da moral em nossa sociedade se deve as transformações ocasionadas na família e no psiquismo humano por meio da globalização. Primeiramente vou aqui relatar as mudanças significativas na instituição familiar.

Até pouco tempo atrás a família era vista como responsável pela socialização primária de seus membros mais jovens, ou seja, cabia a mesma formar o núcleo da personalidade dos indivíduos por meio da transmissão de valores, normas, condutas e a escola ficava encarregada da socialização secundária, uma formação mais específica, voltada para a transmissão dos conhecimentos construídos historicamente pela sociedade.

No entanto a família não tem conseguido oferecer a socialização primária a seus membros, isso porque hoje há uma variedade de famílias no que se refere a sua estrutura, cada vez mais cresce o número de famílias monoparentais, homossexuais, adotivas, entre outras, o que muda as figuras de autoridade e vínculos afetivos nessa instituição. Além disso, com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e com as crescentes exigências empregatícias os pais tem tido pouco tempo para passar com seus filhos o que confere a escola a responsabilidade também sobre a socialização primária,

O aumento da discriminação, da violência, e do desrespeito sinalizam de que a escola não tem dado conta de oferecer a socialização primária, o que Tedesco chama de “déficit de socialização” que se representa como um grande obstáculo para a formação ética e moral dos educandos.

“Nesse sentido, um dos problemas mais sérios que a formação do cidadão enfrenta atualmente é o que poderíamos chamar de “déficit de socialização” que caracteriza a sociedade atual. Vivemos num período no qual as instituições educativas tradicionais- particularmente a família e a escola estão perdendo a capacidade para transmitir com eficácia valores e normas culturais de coesão social”. (TEDESCO, 1998. p.30.)

Para Tedesco a escola deve se reconhecer como uma instituição total e se aperfeiçoar no processo de socialização primária que é sem dúvida mais importante para o indivíduo sendo necessário uma dose maior de afetividade entre docentes e discentes.

Os conteúdos transmitidos na socialização primária são por meio de uma grande carga afetiva entre os envolvidos, a criança se identifica com os outros por meio de uma variedade de sentimentos que torna essas relações significativas, a aprendizagem puramente cognitiva perde o sentido nessa fase.

Fica claro que para os pais realizarem a socialização primária da criança era muito mais fácil, já que o faziam por amor, já para os profissionais de educação são outros sentimentos que terão que dirigir essa prática, além de objetivos pedagógicos definidos.

É certo que os profissionais de educação infantil tentam manter certo distanciamento de seus educandos até como forma de se defender do sofrimento emocional da separação futura, além disso, permanece no ideário social a concepção do profissional como um técnico que não se deixa levar pelas emoções. Dada à importância da transmissão de valores, sentimentos, normas que possibilitem uma sociedade voltada para o bem estar comum é preciso encontrar formas de melhor preparar esses profissionais para a superação desses obstáculos.

O fato de não ser mais a família responsável pela socialização primária traz dificuldade de estabelecimento de vínculo e identificação para a criança, só por meio de um maior envolvimento e comprometimento dos educadores com esses novos objetivos educativos essas dificuldades podem ser diminuídas, se isso não acontecer às instituições, familiar e a escolar, não passarão de instituições cascas, incapazes de formar o sujeito ético e moral.

Passarei agora a discutir as transformações vigentes no psiquismo humano.

A globalização por meio dos veículos de comunicação em massa, das inovações tecnológicas, das recentes transformações nas quais o indivíduo tem que se adaptar, ocasionaram a perda do sentido da tradição e a exaltação da individualidade.

Antes os indivíduos tinha sua identidade formada através da obediência a tradições familiares, religiosas, que existiam muito antes dele nascer, os papéis sociais eram determinado previamente pela sociedade tradicional.

Agora ao se valorizar a individualidade, queremos que todos façam as suas escolhas com liberdade como se assim garantíssemos que no futuro teremos indivíduos mais felizes.

O fato dos indivíduos não serem mais submissos à tradição e a papéis sociais, pré-determinados, tem gerado nos mesmos a angústia de não saber quem são e o que fazer com sua vida.

“Nas sociedades tradicionais, o indivíduo não tinham escolhas, mas não precisavam se revelar em cada uma de suas ações e hábitos. Ele não podia escolher, mas tão pouco conhecia a angústia de ter que escolher, um fenômeno moderno.” (SARTI, 2003, p. 44.)

Fica claro, pelo exposto, que a identidade precisa ser construída, e a escola também terá que assumir essa função.

A identidade que queremos para o funcionamento de uma sociedade democrática pode sim implicar o individualismo, é preciso ficar claro que os sujeitos são únicos, não podemos mais educar como se todos fossem iguais, as diferenças devem ser reconhecidas, as múltiplas competências dos educandos valorizadas, devemos reconhecer e incentivar o desenvolvimento dos alunos naquilo em que eles são bons, para que no futuro eles decidam em que área querem atuar.

No entanto o individualismo presente na identidade dos nosso alunos não pode justificar a discriminação, a intolerância e a eliminação do outro. Precisamos educar para o respeito às diferenças, e essa educação não se dá por meio do esforço inútil de negá-las com o intuito de fazer com que todos pareçam iguais e sim por meio da mudança de concepção sobre o diferente, que ele deixe de ser visto como inimigo que ameaça.

A formação de indivíduos que saibam quem são, conheçam suas particularidades, mas que ao mesmo tempo respeitem os diferentes, sejam solidários e pensem no bem estar comum, só será alcançada por meio de uma prática pedagógica também democrática, solidária, criativa que preze o trabalho em equipe.

A escola conteúdista ou preparatória para o mercado de trabalho, por meio da seleção dos melhores não responde as novas exigências trazidas pelas transformações sociais. É premente que surja uma escola, consciente da sua responsabilidade de formação ética e moral dos seus alunos e possibilitadora do desenvolvimento de todas as potencialidades humanas para que possamos continuar vivendo em sociedade.

## **2-2 A DOCÊNCIA E A FORMAÇÃO ÉTICA.**

Se até aqui os meus esforços nesse artigo alcançaram o resultado, não restam dúvidas sobre a importância da escola se dedicar à transmissão de valores, normas e condutas, ou seja, formar o cidadão ético para que possamos combater a competitividade, a discriminação, as desigualdades e a exclusão social, ampliados pela globalização. É inegável que para esse objetivo educacional ser cumprido é primordial a prática docente. Assim sendo resta perguntar os professores estão preparados para formar eticamente? São capazes de oferecer também a socialização primária?

Entendo que a formação ética se dá prioritariamente nos anos iniciais de vida, através das transmissões de valores, sentimentos, normas aos indivíduos mais jovens, como aqui já foi comentado, antes isso era feito pela família cabendo a escola apenas completá-la, porém com as intensas mudanças sociais e na família, essa última não tem dado conta de oferecer essa formação, deixando essa tarefa para a escola que sem dúvida fica sobrecarregada.

Não acredito que a atuação da escola em nossa sociedade seja fácil no meio de tantas exigências e expectativas sociais, no entanto é necessária mais do que em qualquer outro período histórico.

Considerando que a formação ética é de responsabilidade dos professores de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental, cabe aqui discutir a formação desses profissionais e suas condições de trabalho ainda que superficialmente.

Sendo a formação ética responsável pelos educadores que atuam na infância é de se esperar que os candidatos a professores ao ingressarem na universidade já sejam cidadãos éticos. Sendo assim porque há denúncias de comportamento totalmente anti-éticos entre professores e demais profissionais da

educação? Porque há um aumento significativo da violência e desrespeito na nossa sociedade?

Penso que a isso se deve o desprezo pela educação infantil e das séries iniciais em nosso país.

Ao longo da história foi construída a idéia de que quando mais jovens são os alunos menor é o nível de formação exigida para os profissionais que os educam, assim como os salários. Isso se torna absurdo com a importância da educação oferecida na infância para a formação do indivíduo e de seus valores éticos e morais e até mesmo para garantir aos nossos alunos melhores condições de vida, já que as exigências trabalhistas se ampliaram num mundo cada vez mais tecnológico. É, portanto premente que se valorize os profissionais da primeira infância, e que exija dos mesmos formação universitária, cabendo ao governo prezar pela qualidade desses cursos de formação e garantir a eles formação continuada, assim como condições trabalhistas que dignifiquem sua profissão e estimule a melhoria da prática docente. Para Tedesco os melhores docentes deveriam ser os de educação infantil e das séries iniciais que ele se refere como sendo educação básica.

“A formação básica é, além disso, obrigatória e universal. Colocar os melhores docentes nesses lugares deveria ser em consequência, uma das demandas democráticas mais importantes. Para isso além da formação profissional será necessário definir incentivos que traduzam essa prioridade política numa imagem social”. (TEDESCO, 1998.p.127.)

Se garantirmos a qualidade da educação básica não só os candidatos a docentes serão éticos como todos os que a ela tiverem acesso, não caberia, portanto a universidade se preocupar com essa formação e sim com a conscientização dos futuros professores da importância de se educar para a moralidade.

Sobre as competências docentes necessárias atualmente, aliás, muito comentadas e alvo de preocupação de muitos educadores, gostaria de usar o pensamento provocador do educador francês Charlot (2006), para esse autor todos se preocupam se o educador possui as competências que deve formar nos educandos, no nosso caso aqui interessa os valores éticos e morais, será que os professores têm as competências necessárias para formar o cidadão ético.



Para Charlot (2006) o mais importante não são as competências do professor e sim o seu desejo de educar, é importante que o professor saiba o porquê do seu trabalho e queira formar o cidadão ético, com ele concorda muito outros educadores, como o professor espanhol Sacristán.

“Isso quer dizer que devemos dar bastante importância aos motivos de ação do professorado, pois temos educado as mentes, mas não o desejo, não educamos a vontade. Damos conhecimentos, mas não educamos os motivos. Para educar é preciso que se tenha um motivo, um projeto, uma ideologia. Isso não é ciência, isso é vontade, é querer fazer, querer transformar. E querer transformar implica ser modelado por um projeto ideológico, por um projeto de emancipação social, pessoal etc.”.(SACRISTÁN, 2006.p.86.)

Por fim gostaria de falar do aluno, razão de toda educação educativa. É preciso que o aluno seja visto como um ser autônomo, responsável por sua formação, o professor deve ser o mediador entre conhecimento, os valores, os sentimentos e os alunos, mas caberá ao mesmo por meio de seu esforço aprender, não existe êxito sem esforço.

Por isso devemos deixar de lado toda pedagogia com base no facilismo, a construção de uma identidade ética e moral implica em grande esforço por parte dos educandos, assim sendo é necessário que os professores os motivem, os ajudem a descobrir o prazer de aprender e de construir sua identidade.

O central no alcance dos objetivos educacionais é a prática do aluno não do professor, por isso é fundamental que os professores acreditem no potencial de seus alunos, mesmo que sejam alunos oriundos da classe popular, o mito que a criança pobre não aprende tem que ser deixado de lado.

“Não posso agüentar esse discurso que diz “com aquela criança do meio popular...”. Cada vez que começamos uma frase assim estamos prestes a fazer, com essa criança, coisas que não queremos para as nossas próprias crianças.” Com aquelas crianças não podemos fazer muita coisa, temos que deixar as exigências de lado”. Isso é um desprezo. Temos que encontrar outros meios para atingir os objetivos que as crianças do meio popular também tem o direito de atingir. Não existe uma educação, uma criação, uma formação sem exigências, prazer de se sentir capaz de atingir objetivos, prazer de se sentir funcionando bem dentro da sua cabeça, da sua mente. E assim, questão do prazer não é a do prazer imediato. Existe uma mediação na área do prazer que é a questão do desejo e da construção do próprio sujeito”. (CHARLOT, 2006. 108.)

### **3 CONCLUSÃO.**

Aqui se defendeu a escola pública democrática, laica, gratuita e de qualidade, preocupada não apenas em formar indivíduos competentes para preencher as vagas nas grandes empresas e contribuir para a exclusão social dos demais, pois se a escola tiver como objetivo primordial educar o cidadão para produzir lucro ao capitalismo, corremos o sério risco de regredirmos a barbárie.

O que precisamos nos dias atuais é de uma educação humana, que forme o cidadão ético, moral, solidário, capaz de analisar criticamente o mundo em que vive e de encontrar formas de melhorá-lo.

Precisamos por meio da educação possibilitar aos indivíduos construir sua identidade ao mesmo tempo em que respeitem o diferente que pense em si mesmo, que sejam responsáveis por sua formação e construção de suas vidas, sem se esquecer de pensar no bem dos demais seres humanos.

Só uma educação voltada para o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas é que ajudará na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, só por meio dela, poderemos continuar vivendo juntos num mundo globalizado, por isso temos que lutar por políticas públicas que a beneficie.

Termino esse artigo com uma frase de Touraine que se expressa melhor do que eu na defesa de instituições voltadas à construção de um mundo melhor.

“Recordar a esses liberais moderados e tolerantes a necessidade de valores e instituições comuns quando se trata de resistir à barbárie, ao totalitarismo, ao racismo, aos efeitos de uma grave crise econômica”. (TOURAINÉ, 1997.p 15.)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, B. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: **Professor reflexivo no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006,p.89-110.

DI GIORGI, C. **Uma outra escola é possível: uma análise radical da inserção social e da democracia na escola do mundo globalizado**. Campinas: Mercado de letras edições e livraria LTDA, 2004, 158p.

LIBÂNEO, J. C; OLIVEIRA, J. F; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2008, 406p.

SACRISTÁN, J. G. Tendências investigativas na formação de professores. In: **Professor reflexivo no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006, p.81-88.

SARTI, C. A. Família e individualidade: um problema moderno. In: **A família contemporânea em debate**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003, p.39-49.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo: Ática, 2008,149p.

TOURAINÉ, A. **Podremos vivir juntos? La discusión pendiente: el destino del hombre em la adea global**. Buenos Aires: Fondo de cultura econômica argentina, 1997.